

# COESÃO, COERÊNCIA E TÉCNICA NARRATIVA EM OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

John M. Parker  
Univ. de Aveiro

## A NARRATOLOGIA E A LINGÜÍSTICA TEXTUAL PERANTE O TEXTO

Segundo Mieke Bal (1977: 4): "Un texte est un ensemble *fini et structuré* de signes linguistiques" (grifos meus). Grifo as palavras 'fini' e 'structuré', pois parecem representar uma tendência geral do estruturalismo e da semiótica literários, como, aliás, também do *New Criticism* anglo-americano, para abordar o texto como objeto, mesmo como artefato,<sup>1</sup> 'icone verbal' de que falava Wimsatt (1954). Para os formalistas o texto literário é o domínio privilegiado do significante, mas o seu recurso à lingüística afigura-se-me sobretudo uma extrapolação para outro sistema significante.<sup>2</sup> Como afirmam Göllich e Quasthoff (1985: 173), durante muito tempo a análise da narrativa se limitou à descrição das estruturas narrativas; não só as abordagens estruturalistas todas dão a prioridade à estrutura subjacente à própria história, mas "a maioria dos estruturalistas franceses se preocupam antes com o seu próprio resumo das narrativas do que com as narrativas em si" (*idem*, 174). Estes autores lamentam a escassez de tentativas de descrição da estrutura de superfície dos textos narrativos, mesmo na área em que eles próprios se colocam, que é a da lingüística textual.

### PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- VIANNA, Tyrteu Rocha. *Saco de Viagem*. 1993, 112p. Poesias. Em co-edição com IEL.
- WAMOSY, Alceu. *Poesia Completa*. 1994, 154p. O autor, sem favor um dos maiores poetas de sua geração, por certo merece estar presente no acervo dos que apreciam a verdadeira obra literária, o verso trabalhado, sonoro, rico em metáforas e símbolos e cujo conteúdo concorre para o enriquecimento do espírito humano. Em co-edição com IEL e Alves Editores.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS  
BRASIL  
FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323  
FAX: (051) 339-1564

<sup>1</sup> Para Göllich e Quasthoff (1985: 172): "In most of the structural analyses (starting with Propp and continuing through Bremond, Todorov, and Greimas) as well as in literature on text linguistics (... ..) the narrative text is taken as a given, that is, as a finished product", enquanto Scholes (1982: 65) fala de "creators of narrative artifacts". E mesmo em termos lingüísticos a análise estruturalista é puramente formal, excluindo a função comunicativa da linguagem, como acentua Givón —: 94): "Structuralism in the analysis of language; that is, language structure can be analyzed *independently* of its communicative function", citando Saussure, Bloomfield e Chomsky 'et al.'.

<sup>2</sup> Como reconhece, implicitamente, Courtès (1979: 113), quando fala do "domínio do que (impropriamente) chamamos 'morfologia'" e do "campo do que (mal) denominamos 'sintaxe'". Cf também Kristeva (1978: 24), que considera que discurso é sinônimo de sistema significante.

Com efeito, a lingüística textual, cujos expoentes também têm dedicado muito esforço à análise dos textos narrativos, revela uma preferência pela descrição das estruturas narrativas em termos de macroestruturas semânticas (p. ex. van Dijk, 1972), ou pela aplicação da semântica lógica (p. ex. van Dijk, 1977), quando não optam pelo estudo da compreensão dos textos através de experiências controladas, p. ex. dirigidas ao relato ('recall') de um texto previamente lido (Beaugrande & Dressler, 1981: 195-198; van Dijk, 1980: 203, nota 2). A lingüística textual não só leva o estudo da linguagem para além da frase, mas procura, essencialmente, explicar a realização do sistema lingüístico em situações e contextos da vida real, em que intervêm produtores e receptores de mensagens, que colaboram no processo de comunicação. Inicialmente, preocupou-se em grande parte, com as marcas de *coerência* (Kummer, 1972) ou de *gramaticalidade textual*; (van Dijk, 1972), vindo-se mais tarde, e sobretudo depois de Halliday e Hasan (1976), a separar os conceitos de continuidade textual em *coesão* e *coerência*.<sup>3</sup>

Robert de Beaugrande e Wolfgang Dressler (1981), ao propor-nos uma teoria do que chamam 'textualidade',<sup>4</sup> dentro dum modelo de tipo 'processual', consideram a coesão e a coerência como fatores próprios do texto – no dizer deles "text-centred notions", ou seja operações dirigidas a materiais textuais (*op. cit.* 7). É precisamente neste terreno que se situa a análise que vou fazer, pois coloco-me ao lado de Beaugrande quando ele afirma (1984: 34) que textos são eventos e não objetos estáticos pressupostos já no início da análise: as operações acabadas de referir são evidentemente dirigidas por alguém, ou seja pelos produtores e receptores dos textos: a coesão e a coerência não são propriedades inerentes ao texto,<sup>5</sup> revelam-se no processo de leitura ou de recepção do texto. É a engrenagem

deste processo que tentarei captar e acompanhar, seguindo um modelo dinâmico que procura reunir algumas das propostas que me parecem mais válidas na teorização dos últimos anos.

A coesão refere-se, principalmente, às relações progressivas, já que anafóricas, entre as unidades sintático-semânticas maiores – o que costumamos denominar frases – da superfície textual. Donde se conclui que o produtor do texto vai dando instruções ao receptor quanto ao tipo de relação que este deve fazer entre as frases.<sup>6</sup> Trata-se das diversas maneiras de, através do aparelho léxico-gramatical da língua, indicar as relações a nível da superfície textual.

Assim, quando, o escritor brasileiro Oswaldo França Júnior, em entrevista publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais* (7 de janeiro de 1989), afirmou ser sua intenção que "as imagens, a história vão se formando na mente do leitor sem que ele perceba que as páginas do livro estão passando", depreende-se que ele está a assumir, tacitamente, a necessidade de explicitar as relações interfrásicas, evitando que o leitor tenha de fazer um esforço consciente para estabelecer essas ligações.

Oswaldo França Júnior publicou o seu primeiro romance em 1965, um ano, mais ou menos, depois de ter sido expulso – 'reformado' era o termo empregado na época – da Força Aérea Brasileira, a seguir ao golpe militar de Março de 1964. Até à sua morte prematura, em 1989, em acidente de viação, continuou a publicar romances com um intervalo quase regular de dois anos, com a única exceção de um livro de contos, melhor de mini-contos, *As laranjas iguais* (1985). Os seus romances, também, na sua maioria podiam quase ser chamados 'mini-romances', pois trabalhavam estilisticamente até eliminar tudo o que não fosse essencial, reduzindo um milhar de páginas a um texto de duzentas ou menos. Revelou uma preferência inicial pela narrativa autodiegética, criando protagonistas ideologicamente seguros que imprimem uma forte consciência central aos seus textos, mas a partir de *Os dois irmãos* (1976) existe uma tendência para o recurso a uma multidão de narrativas hipodiegéticas e a consequente ausência de orientação narrativa, que coincide com dúvidas crescentes em relação às atitudes expressas nos romances da primeira fase. Foi só numa das suas últimas obras, o excelente romance *O passo-bandeira*, de 1986, que acabaria por confrontar a problemática pessoal que lhe criou a expulsão da Força Aérea.

O texto de que me vou ocupar é extraído de *Jorge, um brasileiro*, romance que valeu ao autor o célebre Prémio Walmap, de 1967, e que viria a tornar-se série televisiva antes de ser filmado. Trata-se de uma narrativa autodiegética, cujo narrador se dirige ao leitor através dum suposto inter-

<sup>6</sup> Siegfried Schmidt (1977: 159) descreve o texto como "conjunto ordenado de instruções". Para Beaugrande (1984: 35): "Language items and configurations are INSTRUCTIONS about what to do during processing". Ver também Iser (1978: 25, 36).

locutor que tem a função de narratário e que de interlocutor só tem a presença indicada, quando o narrador se lembra de o incluir, usando o tratamento direto, pois nunca fala, ou pelo menos não se encontra nenhum sinal da sua voz no texto.

## UM PROBLEMA DE COESÃO

Em *Jorge, um brasileiro*, 17 • então, o leitor está como que ouvindo o relato que o narrador faz a alguém identificado apenas pelo pronome 'você'. O texto abre com reticências, seguidas das palavras "Você sabe como é", indicando que o suposto diálogo já se iniciara quando o leitor-ouvinte 'chegou'. Nesse sentido, pediria ao leitor do presente trabalho que se colocasse na situação do leitor que aborda o texto pela primeira vez, sem outros conhecimentos que o texto que encontrará em anexo.

Depois de duas páginas, em que o narrador conta como ficou conversando com uma mulher, cujo nome só aparece no início do terceiro parágrafo, entra, de repente, na analepse que assinala o começo da história propriamente dita, com as palavras "As coisas estavam assim quando o Sr. Mário deixou o recado para mim" (França Júnior, 1978: 20). Digo "entra, de repente, na analepse" embora ela exista, de certo modo, no parágrafo anterior (o terceiro), quando o narrador resvala para a lembrança das condições anteriores à chegada do recado. Trata-se dum processo semelhante àquele que se usa no cinema imediatamente antes do *flashback* a analepse que vai começar neste texto com o verbo no pretérito perfeito, "deixou".

"As coisas estavam assim \_": que 'coisas'? e como 'assim'? Em princípio, as 'coisas' já referidas no texto e no estado a que se refere, igualmente no texto anterior. Nas categorias de coesão lexical propostas por Halliday & Hasan (1983: cap. 6), a palavra inglesa 'thing' é considerada um 'substantivo geral', podendo, quando precedida de artigo definido ou determinante demonstrativo, recuperar anaforicamente um substantivo específico, cuja existência é pressuposta. De mais a mais, os autores fazem reparar na semelhança, do ponto de vista gramatical, entre esta forma de coesão e a referência pronominal (*op. cit.* 275). Se a forma paradigmática do elo coesivo remeteria para a frase antecedente, sabendo embora que a realização da coesão costuma ser mais complexa (*op. cit.* 329), o leitor procurará o pressuposto primeiro na frase ou frases imediatamente anteriores no texto. No caso presente, encontrará, nas duas últimas frases do parágrafo anterior, os substantivos: as *cadeiras*, a *varanda*, o *asfalto*, o

<sup>7</sup> A edição citada é a quarta, de 1978, como consta nas referências bibliográficas. Os números que correspondem as páginas do texto aparecem entre parênteses, sem mais indicação. As referências mais específicas são indicadas pelo número da frase (F seguido do número), de acordo com o texto em anexo.

*prédio*, o *serviço* e a *chuva*. Destes, apenas o último nunca poderia ser recuperado pelo substantivo geral 'coisa'.<sup>8</sup>

Agora, "as coisas" é uma expressão muito geral, empregada a todo o momento nos diálogos informais,<sup>9</sup> e Halliday e Hasan salientam o potencial interpessoal do 'substantivo geral' (1983: 276) Michael Hoey (1983: 18), ao falar dos meios de assinalar relações entre orações ou frases, declara que a coesão gramatical só constitui uma relação quando inclui uma interpretação. Segundo Eugene Winter (1982: 178), esta relação ('clause relation') é um processo cognitivo participado, ou, como afirma noutro lugar Hoey (1989: 124), uma abstração das conexões que os leitores fazem entre as partes dum texto no esforço de compreender o discurso, uma vez que cada leitor trava um diálogo com o discurso que está em vias de ler. Linguistas textuais e analistas do discurso recortam de modo um pouco diferente a área da sua ciência,<sup>10</sup> mas parece-me que a 'clause relation' (relação entre orações) de Winter e de Hoey corresponde em parte ao termo 'coerência' usado por, por exemplo, Beaugrande & Dressler (1981), para indicar a continuidade de sentido nos conhecimentos ativados pelas expressões do texto. Em qualquer dos casos, se trata explicitamente de um processo cognitivo e interpretativo, relacionado com a nossa percepção do mundo e com a nossa capacidade de avaliar situações apresentadas linguisticamente. A linguística textual insiste mais no constante apelo a conhecimentos do mundo real, organizados em diversos tipos de 'global patterns' (Beaugrande & Dressler, 1981: 88-91), subjacentes ao mundo textual e que ajudam na recepção deste, confrontando se os conceitos encontrados com os conhecimentos adquiridos, integrando-se na leitura os componentes implícitos, não mencionados no texto.

Voltando ao texto de França Júnior e perguntando novamente 'que coisas?' e 'como assim?', só encontramos, nas frases referidas, uma coisa que se encontra em estado de se lhe poder aplicar o advérbio 'assim', em

<sup>8</sup> Em princípio, 'asfalto' não seria contável, mas o sentido é 'rua asfaltada' ou 'pedaço de rua asfaltado', e não vejo dificuldade em recuperar "o asfalto que ia cedendo" por "a coisa ia cedendo", o que não seria o caso com 'chuva'.

<sup>9</sup> A expressão representa, sem dúvida, o que os linguistas anglo-americanos chamam "fuzzy concept" (ver Nota 18) - "Como vão as coisas?" pode ser entendido de diversas maneiras num diálogo informal, mas nunca num sentido exato. Remete para um espaço eventualmente muito vasto e não espera uma resposta pormenorizada, enquanto no presente contexto tem de recuperar elementos que se encontram no texto e de que se possa dizer que "estavam assim".

<sup>10</sup> Segundo Beaugrande (1985: 41): "At present, the two designations are chiefly academic labels for the same domain", e talvez se trate, principalmente, de uma diferença terminológica entre a tradição germânica (*Textlinguistik*) e a anglo-americana (*Discourse Analysis*), mas sempre me quer parecer que os analistas do discurso se preocupam quase exclusivamente com diálogos naturais, ou espontâneos, enquanto os linguistas textuais trabalham antes com textos escritos, com certa preferência pelos gêneros literários. Enkvist (1989: 372) remete a análise do discurso para "classroom and doctor-and-patient dialogues" e propõe o termo 'discourse linguistics' para abranger as diversas posições.

termos de referência comparativa (Halliday & Hasan, 1983: 76), ou seja "o asfalto que ia cedendo e chegando cada vez mais perto do prédio". Neste caso, ou se procuram outros, ou mais, elementos em frases anteriores do texto, ou outra explicação para a função coesiva de 'as coisas'. Seja como for, a expressão "as coisas estavam assim" necessita de um pressuposto, quer nas palavras do texto, quer na situação expressa em ou criada pelo texto, para ser entendida. Se recuarmos um pouco no texto, por exemplo, encontramos a frase "Até a escada de cimento para que a água descesse por ela e não afundasse a rua, estava afundando e se estragando de novo". Desta forma, a "escada [que] estava afundando" e o "asfalto que ia cedendo" serviriam de pressupostos a "As coisas estavam assim". Se, porém, recuarmos mais um pouco, até à primeira metade do parágrafo, encontramos "porque as coisas todas estavam estragando e caindo e afundando. E mesmo as coisas que já haviam sido consertadas, já estavam outra vez estragando..." (França Júnior, 1978: 20). Aqui teríamos um caso de recorrência, ou seja de repetição lexical, para "as coisas" (cf. Halliday & Hasan, 1983: 278), enquanto "assim" remeteria para "estragando e caindo e afundando" como forma de coesão referencial comparativa (cf. Halliday & Hasan, 1983: 76).

Evidentemente, não lemos os textos para trás. O nosso processo de leitura, condicionado pela própria disposição física do texto em prosa e auxiliado pela coesão e coerência que se vão inscrevendo nele, é linear e progressivo (Givón, 1989: 252; Beaugrande, 1984: cap. IV) o que não impede que as conexões feitas pelos leitores sejam retrospectivas, como lembra Hoey (1983: 171). No texto em estudo, a seguir às palavras citadas ("as coisas todas estavam estragando..." etc.), o parágrafo prossegue, dando um exemplo das coisas que estavam ficando danificadas: "como ali na frente do DOPS, onde eu via, quando passava com o caminhão concretoiro, o asfalto junto do canal já afundando". Acrescenta-se, a seguir, a informação de que "Era um asfalto novo que não fazia nem uma semana que os homens tinham acabado de consertar". Depois, como já foi referido, fala-se da escada que estava afundando. Repetem-se, de frase para frase, os verbos *estragar*, *afundar*, *consertar* (repetição lexical), além de elementos de coesão gramatical no início das frases (quase exclusivamente a conjugação aditiva: em seis das oito ligações a conjunção 'E', típica da produção oral). Da mesma maneira, os artigos definidos ou se referem a entidades de conhecimento geral ("em frente do DOPS", "o canal", "a água"), ou são catafóricos dentro da mesma frase – daí estruturais, não considerados textualmente coesivos ("o caminhão *concreteiro*", "o asfalto *junto ao canal*", "a escada *de cimento*...") –, ou são anafóricos, e coesivos, por referência a pressupostos, quer por repetição ("o caminhão" [o caminhão concretoiro], "o asfalto" [o asfalto, um asfalto novo], quer por outra forma

de reiteração lexical ("os investigadores" [do DOPS], "do prédio" [do DOPS], "o serviço" [consertar], etc.).

Portanto, quando começa o próximo parágrafo com as palavras "As coisas estavam assim", 'as coisas' tanto pode ser o substantivo geral apontado por Halliday & Hasan, retomando os substantivos específicos 'asfalto' e 'escada', como pode repetir (recorrência) "as coisas", expressão encontrada *verbatim* no texto. Todavia, nenhuma destas soluções, aparentemente aceitáveis em termos de coesão, satisfaz. A coesão, como sabemos (Halliday & Hasan, 1983: 299), confere ao texto a continuidade que facilita ao receptor fornecer os elementos que podem não estar nele presentes, mas que são necessários à interpretação. Por um lado, as "*coisas todas*" (grifo meu) que "estavam estragando, etc" não se limitam ao asfalto e à escada, até porque estes são referidos como "mesmo as coisas que já haviam sido consertadas", donde se conclui que são apenas duas das "coisas todas", o que nos sugere uma cena de devastação geral. Por outro lado, se é verdade que os escritores exploram a capacidade dos leitores de estabelecer elos coesivos a distância (Halliday & Hasan, 1983: 294), será caso para perguntar se o alcance geral da expressão 'as coisas' não permitiria estabelecer ligações anteriores ao pressuposto apontado ("as coisas todas estavam estragando..."), o que teria como consequência a procura de pressupostos anteriores também para o advérbio de modo "assim". Afinal, do que trata o parágrafo? O narrador, sentado na frente de uma mulher, se lembrava de todos aqueles dias com aquela chuva que não parava e que mesmo antes de eu sair, já estava caindo há muito tempo e com todo mundo esperando que ela parasse". Tudo o mais vem a seguir, como consequência: "porque as coisas todas estavam, estragando...".

Com efeito, a causa da devastação de que o narrador se lembra de modo tão vivo foi a chuva ("aquela chuva que não parava" – F25), chuva essa que serve de força motriz da ação, responsável pela prova imposta ao narrador, e que "já estava caindo há muito tempo" antes do começo da prova. A expressão "aquela chuva" surge três vezes no texto em estudo, depois de pronunciada no parágrafo inicial do romance, numa frase cujo alcance parece ser outro e que só começará a se fazer sentir no terceiro parágrafo: "havia chovido sem parar aqueles dias todos" (F7). Ao mesmo tempo, as referências à chuva, sendo coesivas, são diferenciadas com sutileza. A primeira, surgindo a propósito das pernas da ainda não identificada mulher, mantém relações coesivas de reiteração lexical (sol / havia chovido) e de conjugação aditiva ("E também...", i.é. além disso). A primeira vez que aparece o substantivo 'chuva' (F15), combina na mesma frase as alusões a sol e chuva ("Aquele sol quente de depois da chuva"), adquirindo, ao mesmo tempo, um sentido genérico. Volta a surgir no terceiro parágrafo, quando o narrador está "pensando naqueles dias todos naquela estrada, naquele barro e com aquela chuva" (F19), e não sabemos ao certo se a repetição

"(n)aqueles dias todos" da frase 19 tem o mesmo referente da frase 7, em que o demonstrativo é exofórico, o que significa que "aquela chuva" não será necessariamente a mesma referida na frase 7 ("havia chovido"), até porque se relacionam com as expressões exofóricas "naquela estrada, aquele barro" da frase em que se encontram (F19). Na frase 25, juntam-se as duas chuvas e as duas ocasiões, que se revelam contínuas: "todos aqueles dias com aquela chuva que não parava e que mesmo antes de eu sair, já estava caindo há muito tempo"; mas no fim do mesmo parágrafo (F31) "aquela chuva" se refere somente à chuva que caía antes da partida do narrador.

É evidente, então, que "aquela chuva" deve estar incluída em "As coisas estavam assim" (F32). Em termos de coerência, e com base na nossa competência comunicativa, creio que não temos dificuldade nenhuma em entendê-lo assim. Mas Halliday e Hasan não exemplificam nem discutem o substantivo geral 'thing' no plural, e temos de admitir que uma versão inglesa da expressão portuguesa não empregaria o determinante (i.é. teríamos, literalmente, 'Things were so'). Se por um lado admitirmos a função não-específica, não-exclusiva do determinante em casos deste tipo em português, também será necessário aceitar que o substantivo 'coisas' não se limita a... ..coisas, ou seja substantivos contáveis, podendo incluir também substantivos massivos . ex. 'chuva'). A inclusão de "aquela chuva" nas coisas que "estavam assim" permite-nos seguir, em sentido inverso, a cadeia coesiva que passa por "aquela chuva" ("que já estava caindo há muito tempo") na frase 25 e vai dar à frase 7: "havia chovido sem parar aqueles dias todos". O que se anuncia, então, desde os primeiros momentos da narração, é a analepse: "As coisas estavam assim quando... ..".

Desta maneira, se é verdade que 'lemos' progressivamente no mesmo sentido linear, torna-se evidente que vamos conferindo a informação de cada frase com a que já recebemos, num processo retrospectivo cujo alcance naturalmente varia conforme o tamanho das unidades informativas e, também, dependendo dos elementos que constroem os elos coesivos.<sup>11</sup> A coesão vai-nos levando sempre em frente, mesmo quando, como acontece nestas duas páginas iniciais de *Jorge, um brasileiro*, estamos a acompanhar a narração em sentido inverso: a mulher falando, fazendo perguntas, o narrador vendo-lhe as pernas e pensando, primeiro "naqueles dias todos naquela estrada", recuando *depois* para os antecedentes, da chuva que estava destruindo tudo. A densidade da coesão lexical e gramatical nesta última seção (frases 25 a 31), já referida atrás, cria um ambiente de dilúvio e devastação que prepara a narração a ser feita. A última frase do quarto pa-

rágrafo parece uma antevisão, lembrada depois (em retrospecto): "E eu via que o serviço ia ter que ser feito todo de novo, e também com aquela chuva, não ia ser nada garantido".

## FATORES DO PROCESSAMENTO DO TEXTO

Na já citada entrevista, Oswaldo França Júnior afirmava escrever sobre a realidade do dia-a-dia do brasileiro, projeto arriscado que o romancista assumiu, privilegiando um realismo miúdo, muito pormenorizado, tão comum quanto os seus personagens. A narração é feita com uma grande economia de recursos lingüísticos, na medida em que, além de recusar a adjetivação, favorece a repetição lexical e o polissindetismo. Foi referida já a preferência pela conjunção aditiva – com efeito, das 29 ligações frásicas deste texto vinte são deste tipo, sempre com a conjunção 'e' –, mas convém arrisar que a mesma tendência se estende à frase, onde predomina a coordenação, por meio da mesma conjunção. A receita não parece das mais promissoras, em termos do interesse que a narrativa deve suscitar no leitor, no sentido da atenção que lhe exige no processamento do texto. É o que Roberto Scholes (1982: 65) entende por 'narratividade', afirmando que os ficcionistas devem produzir narrativas que compensem a narratividade mais enérgica e ativa.<sup>12</sup> enquanto Robert de Beaugrande (1985: 51), por seu lado, chama a atenção para os perigos inerentes à tentativa de tornar um texto muito simples e fácil.<sup>13</sup> Segundo este estudioso, deve existir um equilíbrio, evitando-se os extremos de certos parâmetros, do tipo explícito-implícito, geral-específico, novo-dado/esperado, repetitivo-variado.

Já pudemos ver a densidade de elos coesivos no quarto parágrafo do texto, e se examinarmos agora o parágrafo inicial, iremos encontrar bastante casos de coesão lexical e gramatical nas nove frases que o constituem. Repetição: 'pernas' é o exemplo principal, surgindo quatro vezes em frases distintas, com a particularidade de vir acompanhado do verbo 'cruzar' nas frases mais distantes (F2, F9), sozinho nas duas sucessivas, também no centro do parágrafo (F5, F6); a seguir, o verbo 'falar', três vezes, em frases sucessivas na primeira metade do parágrafo (F3, F4 e F5); a repetição *verbatim* da F8 no segundo membro da F9 ("Ela era uma mulher distinta"). Outra forma de reiteração lexical na oposição "sol"- "chovido" das frases 6 e 7. Desta forma, pode se ver que só falta coesão lexical entre

<sup>12</sup> "I should like to suggest that the proper way for narrative artists to provide for their audiences an experience richer than submissive stupefaction is not to deny them the satisfaction of story but to generate for them stories that reward the most energetic and vigorous kinds of narrativity".

<sup>13</sup> "If you strive to make a text very simple and easy, for instance, the outcome may be so trite and boring that people find it very hard to read".

<sup>11</sup> Cf. as experiências descritas por Givón (1989: 216-217), onde, porém, o tipo de substantivo mencionado era específico ("the woman") e retomava o mesmo referente num passo anterior do texto. Beaugrande (1984) também trata do assunto da "representação retrospectiva do texto anterior", mas em função do papel da memória no processamento dos textos.

F1/F2, F2/F3 e F7/F8, falta que será colmatada por formas de coesão gramatical. A aditiva, como se verificou anteriormente, é a forma preferida de conjunção, a copulativa 'e' efetuando seis ligações interfrásicas das oito possíveis, num dos casos reforçado pelo advérbio 'também' para dar o sentido de 'além disso'. Mas o aspecto mais interessante em termos de coesão serão os casos de referência pessoal. Os pronomes de terceira pessoa (incluindo os pronomes 'zero', isto é a gramaticalização da pessoa na forma verbal) encontram-se presentes num total de oito casos, mas todos catafóricos, pois não remetem para nenhum referente no texto anterior. Podemos, eventualmente, incluir os pronomes e determinantes de primeira pessoa, uma vez que se trata do 'eu' narrador, que sabemos ser o mesmo. Aparecem três casos, todos nas frases iniciais.

Mas se o parágrafo de abertura não peca em termos de coesão, o romance abre com várias incógnitas – para o leitor, já que a narração é feita para um narratário, não-identificado, que se supõe possuidor dessa informação. O narrador, que fala na primeira pessoa, não se identifica e dele sabemos apenas, no primeiro parágrafo, que está cansado, que não quer falar e que quer ficar quieto. Sentada na sua frente está uma mulher vestida de branco, que o narrador considera distinta, pelo modo de cruzar as pernas, e que, por enquanto, é referida como "ela". A mulher fala com o narrador e pergunta-lhe "como tinha sido tudo" – este "tudo" sendo do conhecimento dela, do narrador e, supõe-se, do narratário. O leitor ignora, igualmente, o local em que se encontram a mulher e o narrador, como também não lhe é dito se o homem também se encontra sentado ou de pé. Não possui qualquer informação temporal. Além da pergunta inicial, de 'como tinha sido tudo', não sabe do que a mulher fala, pois aparentemente continua a falar ("E ela falando..."). Como também não sabe a que se refere o "como é" da frase inicial, já que o pressuposto, sendo do conhecimento do narratário, pertence a um texto anterior. A identificação das reticências que antecedem as primeiras palavras. Aliás, a primeira conjunção do texto só aparentemente liga as duas primeiras frases, pois a frase de abertura, importante embora para estabelecer a situação de 'diálogo', tem ar de ser parentética, de modo que esse "E" remete para uma frase que o narrador teria proferido antes.

Em termos de teoria narrativa, ou narratológica, quem focaliza, neste parágrafo, é o narrador, fusão do 'je-narrant' com o 'je-narré' (Cordes, 1988). Para a lingüística textual e em termos de coerência, se seguirmos a teorização de Beaugrande & Dressler (1981 cap. V), procuraremos um 'centro de controle', espécie de ponto elevado, a partir do qual podemos

<sup>14</sup> Ver Halliday e Hasan, 1983: 50, que parece sugerir que este 'eu' seria exofórico e, daí, não coesivo, quando, com efeito, o narrador do romance de França Júnior e também personagem, pertencendo ao 'contexto de referência'.

<sup>15</sup> O que Givón (1989: 75) chama "shared prior text".

seguir a rede de relações que se estabelece entre os estados e ocorrências do trecho. Parece acertado escolher o conceito 'mulher' – inferência evidente, comprovada nas frases finais da unidade textual, embora inicialmente representada por uma pró-forma catafórica ['ela']. É ela a agente duma única ação sobre uma entidade afetada (parte, no entanto, do próprio corpo: cruzar as pernas), já que as outras ações são classificadas como movimento (sentar-se) e comunicação (falar, perguntar), esta última com finalidade inferida (sc. para) de cognição ([sc. saber] como tinha sido tudo). Encontramos também localização (na minha frente), e estado vestido branco = ela está vestida, sendo que um instrumento (o vestido) possibilita (modalidade: deixando) a percepção<sup>16</sup> (ver) duma parte (as pernas) que tem o atributo 'dourado'. Este atributo se liga por equivalência a 'sol', a que, por sua vez, 'havia chovido' está associado por oposição. Há ainda o atributo 'distinta' remetendo para a mulher, caso de recorrência em que o conceito repetido é o mesmo. Em relação ao outro participante existem apenas estados (cansaço, quieto, sono), ausência de volição (sem querer) em relação a comunicação (falar) ou movimento (negação inferida: só querendo ficar quieto = não querendo mover-se), e percepção (sentindo) dum estado (estar com sono) possível (modalidade: como se).<sup>17</sup>

O conceito de coerência pressupõe, também, a permanente contribuição dos nossos conhecimentos do 'mundo real'. Por 'mundo real', entende-se a versão da situação humana considerada válida por uma sociedade ou grupo social, e os nossos conhecimentos dele são anteriores e estão subjacentes aos textos que utilizamos como receptores. Tais conhecimentos permitem-nos avançar hipóteses em relação a informações que o produtor do texto não incluiu, ou por as achar desnecessárias, ou por outro motivo – caso frequente, por exemplo, na ficção policial. No parágrafo inicial de *Jorge, um brasileiro*, como vimos, França Júnior retém certos dados, convidando o leitor a fazer suposições sobre a identidade dos atores, o tipo de relacionamento que existe entre eles, e o que teria acontecido a um deles que parece ser do interesse do outro ("como tinha sido tudo"). Essa pergunta indica, para já, que os dois participantes se conhecem, enquanto a frase a seguir, com as alusões ao cansaço, sobretudo a sentir o

<sup>16</sup> Sigo a terminologia de Beaugrande e Dressler, 1981: 111, nota 12.

<sup>17</sup> O texto que serve de exemplo do que Beaugrande & Dressler chamam 'augmented transition network' (1976: 98-107) é muito simples, muito esquemático, para demonstrar como analisar casos como este. Também, na tipologia de conceitos (95-96), encontramos problemas. O conceito da 'entidade afetada' corresponde, regra geral, ao objeto direto a nível da expressão lingüística, mas a sua definição exige uma mudança de situação que o objeto direto nem sempre sofre – se o verbo é de 'percepção' (ver, ouvir). No presente caso, portanto, existe o problema de saber se o narrador pode ser considerado entidade afetada de um ato de comunicação. Para Givón (1989: 60), tratar-se-ia, em termos gramaticais, de uma extensão metafórica do conceito de 'paciente' habitualmente aplicado ao objeto direto, uma vez que não sofre nenhuma modificação visível ou óbvia.

corpo "como se estivesse com sono", sugere que "tudo" deve ter exigido força física, provavelmente durante um período algo prolongado. De resto, temos as referências ao vestido branco, que deixava ver as pernas da mulher "até em cima", e ao modo como ela cruzava as pernas, que mostrava tratar-se de uma mulher distinta. Também não devemos esquecer que ela devia usar um produto para reforçar o tom dourado das pernas. Estes fatores, mas talvez sobretudo a repetição "ela era uma mulher distinta", nos levam a inferir que se trata de uma mulher de nível social superior ao homem com quem fala. Nesse sentido parece existir uma certa contradição entre o conceito de 'mulher distinta' e o fato de ela permitir que se vissem as pernas dela "até em cima", talvez tornando a informação de certo modo suspeita, já que fornecida por um narrador cujas credenciais não foram estabelecidas ainda e que os nossos conhecimentos dos códigos literários nos advertem poder ser o conhecido 'unreliable narrator'. Daí que infirmos ser intenção dele suggestionar-nos com respeito à mulher, no sentido de considerarmos que ela, sendo seu superior social, o está provocando sexualmente.

Certas destas inferências serão reforçadas nos dois parágrafos a seguir, para depois ficarem em suspenso, mas não sem se constituírem em 'frames', isto é conjuntos de conceitos relacionados entre si, embora sem uma organização ordenada, que fazem parte dos nossos conhecimentos do mundo e que entram em armazenagem ativa no nosso espaço mental quando ativados pelas expressões linguísticas do texto. Desta maneira, bastará o nome de D. Helena, em qualquer altura do texto, para reativar o 'frame' MULHER DISTINTA,<sup>18</sup> conceito constituído por uma mistura de componentes presentes no texto e de outros que pertencem ao que se entende por esse conceito no 'mundo real'.

Mas no 'mundo real' de quem? O segundo parágrafo talvez nos esclareça. Abandonando, temporariamente, as pernas da mulher, foca aspectos que possam reforçar o conceito 'mulher distinta': a "eletrola", a caixa cuja utilidade o narrador não reconhece, a empregada uniformizada com chapeuzinho na cabeça, mais o fato da mulher chamar a empregada para vir acender-lhe o cigarro. As frases sucedem-se e interligam-se em termos coesivos (ela → Øtirou → Øficou → Øperguntou → ela; cigarro/cigarros → cigarro; fósforos → fósforo; empregada → empregada; Ønotei → Øcontinuei – não esquecendo a repetição "quieto" (F12) que estabelece li-

<sup>18</sup> Outra classificação para este 'frame' poderia ser MULHER PROVOCANTE, mas creio que seria pouco objetivo, pois existe apenas a sugestão oblíqua lançada pelo narrador. Ao mesmo tempo, é também dele a avaliação MULHER DISTINTA, mas esta, pelo menos, está expressa no texto. Um dos problemas que se põem é que os conceitos, por natureza, são 'fuzzy', para empregar a palavra expressiva dos estudiosos deste campo: quer dizer flutuantes ou nebulosos, sem limites fixos. O narrador afirma que D. Helena era uma mulher distinta "pelo modo de cruzar as pernas", mas depreendemos que é isso precisamente que "deixando] ver as pernas até em cima".

gação com o primeiro parágrafo (F4). A continuidade, ou conexão<sup>19</sup> dos conceitos não oferece problema: a mulher tira um cigarro da caixa, pede lume à pessoa com quem está a falar e quando esta não lho oferece, chama outra pessoa, que lho vem dar. Conforme a sugestão de Beaugrande (1985: 511), existe neste parágrafo certo equilíbrio entre o dado, ou já conhecido, e o novo: os personagens são os mesmos, continuando o narrador a ficar quieto; por outro lado, ficamos a saber que a mulher fuma, e que os dois se encontram num local onde há um toca-discos e uma empregada uniformizada. O narrador não comenta qualquer um destes fatos mais ou menos corriqueiros, mas o leitor fará inferências<sup>20</sup> a partir dos seus conhecimentos gerais. Se no primeiro parágrafo não existe qualquer elemento que permita localizar o incidente narrado num interior – afinal, podia perfeitamente ser um jardim (cf. as alusões ao sol) –, a presença do toca-discos com a caixa de cigarros se revela bastante sugestiva de uma sala; depois, a mulher tira o cigarro da caixa com aparente naturalidade e a empregada parece estar perto, para vir logo quando chamada, dados que, à falta de informação em contrário, levarão o leitor a supor que a mulher se encontra na sala da sua própria casa!<sup>21</sup>

Num nível mais profundo de recepção do texto, encontramos dados que necessitam de interpretação, pois dizem respeito ao tipo de relação que possa existir entre os dois personagens. Com efeito, se o narrador não comenta, propriamente, os fatos narrados, não está longe de ser um comentário – sob pena de ser considerada gratuita – a menção da sua ignorância quanto à utilidade da caixa. Por um lado, poderá significar que o narrador se encontra no local pela primeira vez, mas também se tratará, eventualmente, de outro dado relacionado com o desnível social entre os personagens, reforçando, juntamente com a presença da empregada uniformizada, o conceito de 'mulher distinta'. Neste contexto, o incidente dos fósforos pede explicação. Na verdade, em que circunstâncias uma 'mulher distinta' pede lume a um homem que é seu inferior social, sem que se trate de, por exemplo, o seu mordomo? E como explicar que este homem, aparentemente, nem sequer se dá ao trabalho de lhe responder ("Continuei quieto")? À medida que lê, o receptor do texto vai comparando os concei-

<sup>19</sup> Outro termo empregado é 'connectividade' (ing. 'connectivity' e 'connectedness' – cf. aliás, o livro citado nas referências: *Text and Discourse Connectedness*), 'conexidade' (ing. 'connectivity') sendo, aparentemente, uma forma mais recente, talvez no intuito de contribuir para uma metalíngua mais específica, evitando expressões do uso comum. Enkvist (1989: 375) propõe a fórmula "connectivity = cohesion + coherence"; mais à frente parece aceitar uma quase sinonímia de 'connectivity' e 'interpretability', termo também favorecido por outros autores.

<sup>20</sup> Palavra pouco elegante, mas de acordo com a terminologia empregada por, entre outros, Beaugrande & Dressler (1981): 'inferencing', termo que não consta dos dicionários de inglês, e que pretende designar uma atividade, enquanto 'inferring' significa apenas um ato. Ver, sobre a questão de 'inferencing', o importante artigo de van der Velde (1989).

<sup>21</sup> Cf. os conceitos de 'por defeito' e 'por preferência' em Beaugrande e Dressler, 1981: 39.

tos inscritos no mundo textual com os seus conhecimentos do mundo real. Mas, da mesma maneira que esse mundo real ou a visão do mundo real varia de cultura para cultura, certamente revela divergências nos grupos sociais duma mesma sociedade nacional. Como conseqüência, os *global patterns* (cf. Beaugrande & Dressler, 1981: 88, 90-91) em que se organizam os nossos conhecimentos do mundo devem sofrer algumas alterações. A pergunta, ou pedido, da mulher não parece exorbitar do *frame* 'mulher distinta' do narrador, em quem não suscita estranheza;<sup>22</sup> ao mesmo tempo, a julgar pela sua reação, a mulher também aceita com naturalidade o mutismo sem cerimônia do narrador.

O leitor apela aos seus conhecimentos gerais e faz suposições, mas por enquanto a situação é muito fluida para conclusões, podendo o texto posterior abonar ou desmentir as hipóteses avançadas, pois o processo é progressivo, é um *devir* que modifica constantemente a informação já recolhida. No parágrafo a seguir, poderá confirmar certas inferências: revela-se não só o nome da mulher, mas este vem prefixado com o indicativo social que estabelece o desnível entre os personagens (Dona); o local e, com efeito, uma sala, mas guarnecida de cortinas pesadas, já que "não deixavam o sol entrar" (F14) e criavam sombra (F22), e o narrador está sentado numa "poltrona macia" (F19). Por outro lado, reforça-se a situação dos personagens: ela animada (F17: "ela falando e mexendo com a mão como se estivesse falando para muita gente"), ele quieto (F14, F20, F21); e, ao mesmo tempo, são acrescentados dados que permitem entender esta quietude, pois o narrador está pensando "naqueles dias todos naquela estrada, naquele barro e com aquela chuva" (F19) e constata que durante aquele tempo não teve "um minuto para ficar sentado, quieto e sem pensar em nada" (F20). Vimos já como "(n)aqueles dias todos" e "aquela chuva" atualizam expressões do primeiro parágrafo (F7), e agora podemos inferir que "(n)aquela estrada" e "(n)aquele barro", apesar dos determinantes exofóricos, estarão relacionados com o "tudo" de que se tratava no início do texto (F3), responsáveis pelo cansaço que o narrador ali acusava. Serão, pois, fatores de coesão, da própria superfície textual, que permitem, ou talvez antes sugerem esta inferência.

O quarto parágrafo, cuja coesão já foi parcialmente estudada e que, como se viu então, desenvolve as conseqüências de "aquela chuva" em termos específicos e sem quebras de conexão, não deixa de introduzir ou-

tras novidades. Uma primeira referência exofórica a "o Sr. Mário", logo no início do parágrafo (F23), é logo, e voluntariamente, afastada, pois o narrador quer ficar "sem fazer nada" (F24). As duas frases se ligam por conjunção adversativa ("Mas"), por recorrência ("[não] era capaz de saber") e ainda por elipse oracional ("onde o Sr. Mário se achava naquela hora").<sup>23</sup> Inferimos, então, que, se o narrador soubesse onde se encontrava "o Sr. Mário", se sentiria na obrigação de ir a sua procura. A conexão para a frase a seguir (F25), efetuada por meio de sinonímia ("sem querer fazer nada"- "vontade de ficar quieto") faz supor alguma associação desse Sr. Mário com a chuva e com a viagem ("antes de eu sair") do narrador, suposição, porém, não apoiada pelo resto do parágrafo. De resto, ficamos a saber que o narrador conduz um "caminhão concreteiro" (F26), o que vem confirmar a inferência previamente feita quanto ao desnível social entre ele e a D. Helena, cuja ausência, aliás, se faz notar neste parágrafo. Ela está relacionada com a viagem do narrador – pela pergunta inicial ("como tinha sido tudo") depreende-se, agora, que ele foi à casa dela logo depois de voltar – mas não, segundo parece, com a fase dos antecedentes climáticos que o narrador passa a recordar neste quarto parágrafo e que prepara mais diretamente, porque em termos temporais, a analepse.

Ao examinar o texto parágrafo por parágrafo, penso não ter dado qualquer idéia de que se trata, ou trataria, de unidades estanques, até porque temos observado as associações estabelecidas entre elementos de parágrafos diferentes e, sobretudo, o modo como França Júnior, através do seu narrador, vai acrescentando informação, permitindo ao leitor confirmar as inferências que vem fazendo, precisamente na passagem dos parágrafos. Variam muito os conceitos da natureza e funcionamento do parágrafo e não é este o momento de entrar neste campo controvertido.<sup>24</sup> Torna-se, também, difícil generalizar. Podemos, sem dúvida, verificar que a densidade dos elos coesivos é bem mais óbvia no interior dos parágrafos do que entre parágrafos, pelo menos no que diz respeito ao ponto de contato, ou seja a passagem de um parágrafo para o próximo. Também, é possível observar uma tendência para colocar conceitos ou proposições mais marcantes no centro e/ou no fim do parágrafo: no primeiro e no terceiro, centro e fim (F5 e F9; F19 e F22); no quarto, nas frases centrais (F25 a F29), sem tirar a importância que a frase final (F31) possa vir a ter em retrospecto, como já foi referido.

<sup>22</sup> Segundo van Dijk (1980: 242-249), os 'frames' e outros conjuntos semelhantes fazem parte do que ele chama o 'cognitive set' de cada indivíduo. No entanto, enquanto esse 'cognitive set' difere em cada indivíduo, e mesmo no mesmo indivíduo conforme as circunstâncias, por exemplo conforme o texto com que este se vê confrontado, aparentemente os 'frames', sendo conjuntos de conhecimentos, são considerados gerais e sociais, não individuais. Sendo sociais, então, significa que o acesso aos conhecimentos depende da situação social do indivíduo, sobretudo, talvez, quando esses conhecimentos dizem respeito precisamente a formas de viver de uma classe social superior.

<sup>23</sup> Ver Halliday e Hasan, 1983: 196-225.

<sup>24</sup> Ver a discussão em Hoey, 1983: 9-15, 190-193 e a bibliografia citada. Ver também Halliday e Hasan (1983: 297) e Beaugrande (1980: 94; 1984: 304-312).



Nas páginas imediatas, o leitor ficará sabendo que D. Helena é mulher do Sr. Mário, e que este é o patrão do narrador; que ela parece receber pouca atenção do marido, pois este se ausenta de casa, em supostas viagens de negócios, para estar com "aquela loura gorda" palavras do narrador, a quem o Sr. Mário até deixa a tarefa de informar a mulher das suas partidas apressadas. Toda esta informação fica em suspenso até o fim do romance, quando o narrador, depois da longa analepse em que relata a sua viagem, retoma o começo da sua narração, ou seja uns momentos antes das reticências da página inicial. Oswaldo França Júnior pretendia que as histórias de seus livros se fossem construindo na mente do leitor sem que este se apercebesse do ato de virar as páginas, ou seja que houvesse um fluir natural do texto. Por isso, a superfície dos seus textos é sempre altamente coesa, as frases interligadas principalmente por meio de coesão lexical (sobretudo de recorrência), e, no que diz respeito à coesão gramatical, através de referência pessoal e das formas mais simples de conjunção (aditiva, adversativa). Vimos, ao mesmo tempo, que a coesão textual não pode ser um processo meramente mecânico, necessitando de um esforço cognitivo e interpretativo da parte do receptor do texto. Se um texto pode ser coerente sem possuir coesão linguística,<sup>25</sup> não é o caso das páginas acabadas de analisar. Pelo contrário, neste texto a coesão não desmente a coerência, ou seja a conectividade conceptual subjacente, mas o autor não nos priva do recurso à inferenciação que faz parte integrante do nosso intercurso com os textos, pois retém dados quando convém aos seus propósitos, ou evita fazer, ou que o seu narrador faça, comentários que tornariam o texto excessivamente explícito (cf. Beaugrande, 1985: 51, referido mais acima). Facilita a tarefa do leitor em termos de acesso ao material diegético através da conectividade seqüencial e conceptual, libertando dessa maneira a atenção dele para a tarefa interpretativa superior. O que parece confirmar a impressão de muitos leitores deste autor, ou seja de que a simplicidade dos seus textos é mais aparente que real, e decididamente enganadora.

## REFERÊNCIAS

- Bal, Mieke. 1977. *Narratologie. Essais sur la signification narrative dans quatre romans modernes*. Paris, Klincksieck.  
 Beaugrande, R-A de. 1980. *Text, Discourse and Process*. London, Longman.  
 Beaugrande, R-A de. 1984. *Text Production*. Norwood, N. J: Ablex.

<sup>25</sup> Ver o estudo de van Peer (1989) sobre horóscopos e notícias sociais em revistas holandesas de grande consumo.

- Beaugrande, R-A de. 1985. 'Text Linguistics in Discourse Studies', in van Dijk (org) (1985), vol 1, cap 3.  
 Beaugrande R-A de e Dressler, W. 1981. *Introduction to Text Linguistics*. London, Longman.  
 Carter, R. e Simpson, P. (orgs) 1989. *Language, Discourse and Literature*. London, Uuwin Hyman.  
 Chabrol, Claude. (org) 1977. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo, Cultrix. (Original: *Sémiotique Narrative et Textuelle*, Larousse, 1973)  
 Charolles, M. 1988. 'Les études sur la cohérence, la cohésion et la connexité textuelle depuis la fin des années 1960', *Modèles Linguistiques*, X,2,45-66.  
 Conte, M-E; Petöfi, J. S.; Sözer, E. (orgs). 1989. *Text and Discourse Connectedness*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.  
 Cordesse, G. 1988. 'Narration et focalisation', *Poétique*, 76, 487-499.  
 Courtès, J. 1979. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra, Almedina.  
 van Dijk, T. A. 1972. *Some Aspects of Text Grammars*. The Hague, Mouton.  
 van Dijk, T. A. 1977. *Gramáticas Textuais e Estruturas Narrativas*. in Chabrol (org), 1977. 196-229.  
 van Dijk, T. A. 1980. *Macstructures*. Hillsdale, N. J: Lawrence Erlbaum.  
 van Dijk, T. A. 1985. 'Discourse Analysis as a New Cross Discipline', in van Dijk, T. A. (org.). 1985. 1º vol.  
 van Dijk, T. A. (org.). 1985. *Handbook of Discourse Analysis*. London, 4 vols.  
 Enkvist, N. E. 1989. 'From Text to Interpretability: A Contribution to the Discussion of Basic Terms in Text Linguistics', in Heydrich, Neubauer, Petöfi and Sözer, (orgs) 1989. 369-382.  
 França Júnior, Oswaldo. 1978. *Jorge, um brasileiro*. José Olympio.  
 Givón, T. 1989 *Mind, Code and Context*. Hillsdale, Erlbaum.  
 Güllich, E e Quasthoff, U. M. 1985. 'Narrative Analysis', in van Dijk, (org) 1985 (vol 2, cap 10).  
 Halliday, M. A. K. e Hasan, R. [1976] 1983. *Cohesion in English*. London. Longman.  
 Heydrich, W. Neubaue, F., Petöfi, J. S. and Sözer, E. (orgs) 1989. *Connexity and Coherence*. Berlin, de Gruyter.  
 Hoey, M. 1983. *On the Surface of Discourse*. London, Allen & Unwin.  
 Hoey, M. 1989 'Discourse-centred Stylistics: a way forward?' in Carter & Simpson (orgs) 1989. 123-136.  
 Iser W. 1978. *The Act of Reading*. London, Routledge & Kegan Paul.  
 Kristeva, J. 1978. *Sémiotikè*. Paris, Seuil (Coll. Points).  
 Kummer W. 1972. 'Outlines of a model for a grammar of discourse', *Poetics*, 3.  
 Langleben, Maria M. 1989. 'The Grades of Reading', in Conte, Petöfi & Sözer (orgs), 1989. 441- 461.  
 van Peer, Willie. 1989. 'The Concept of Cohesion: its Empirical Status in a Definition and Typology of Texts', in Conte, Petöfi & Sözer (orgs), 1989. 291-308.  
 Scholes, R. 1982. *Semiotics and Interpretation*. New Haven & London, Yale University Press.  
 van der Velde, R. G. 1989 'Man, Verbal Text, Inferencing, and Coherence', in Heydrich, Neubauer, Petöfi and Sözer, (orgs) 1989. 174-217.  
 Viehweger, Dieter. 1989. 'Coherence - Interaction of Modules', in Heydrich, Neubauer, Petöfi and Sözer, (orgs) 1989. 256-274.  
 Vitacolonna L. 1989. 'Literary Coherence and Related Topics', in Conte, Petöfi & Sözer (orgs) 1989.  
 Wimsatt, W. K. 1954. *The Verbal Icon*. Lexington.  
 Winter, E. 1982. *Towards a Contextual Grammar of English*. London, Allen & Unwin.

## TEXTO DAS PÁGINAS INICIAIS DE JORGE, UM BRASILEIRO A QUE SE REFERE A ANÁLISE

...Você sabe como é <sup>F1</sup>. E ela se sentou na minha frente e cruzou as pernas <sup>F2</sup>. E ficou falando comigo e perguntando como tinha sido tudo <sup>F3</sup>. E eu com aquele cansaço e sem querer falar nada, mas só querendo ficar quieto e sentindo o corpo como se estivesse com sono <sup>F4</sup>. E ela falando e com o vestido branco deixando ver as pernas até em cima <sup>F5</sup>. As pernas dela estavam com aquela cor de pele queimada pelo sol, mas você via que estavam muito douradas para ter sido apenas o sol <sup>F6</sup>. E também havia chovido sem parar aqueles dias todos <sup>F7</sup>. Ela era uma mulher distinta <sup>F8</sup>. Só pelo modo de cruzar as pernas, você via que ela era uma mulher distinta <sup>F9</sup>.

Teve uma hora em que ela apanhou uma caixa em cima da eletrola e só depois que tirou um cigarro lá de dentro é que notei que era uma caixa para guardar cigarros <sup>F10</sup>. E ficou com o cigarro na mão, e me perguntou se eu tinha fósforos <sup>F11</sup>. Continuei quieto e ela, então, chamou a empregada <sup>F12</sup>. A empregada veio, trouxe o fósforo, e usava um uniforme todo branco com um chapeuzinho na cabeça <sup>F13</sup>.

E eu quieto e vendo a D. Helena ali, na minha frente, dentro daquela sala onde as cortinas não deixavam o sol entrar <sup>F14</sup>. Aquele sol quente de depois da chuva, que brilhava lá fora e que havia feito eu andar com os olhos meio fechados, antes de entrar ali <sup>F15</sup>. E vendo o cigarro na mão dela <sup>F16</sup>. E ela falando e mexendo com a mão como se estivesse falando para muita gente <sup>F17</sup>. Ali dentro o calor não era forte como lá fora <sup>F18</sup>. E eu gostando de estar naquela poltrona macia e pensando naqueles dias todos, naquela estrada, naquele barro e com aquela chuva <sup>F19</sup>. E sem ter tido um minuto para ficar sentado, quieto e sem pensar em nada <sup>F20</sup>. E pensando nisso, eu ficava querendo ficar mais quieto ainda <sup>F21</sup>. E gostava e achava bom ficar ali na sombra, dentro da sala, ouvindo a voz de D. Helena e vendo a mão dela com o cigarro, e as pernas cruzadas com o vestido deixando ver até em cima <sup>F22</sup>.

Pensei para ver se era capaz de saber onde o Sr. Mário se achava naquela hora <sup>F23</sup>. Mas vi que não era capaz de saber e achei isso bom porque eu estava me sentindo cansado e sem querer fazer nada <sup>F24</sup>. E mais vontade ainda me dava de ficar quieto, quando me lembrava de todos aqueles dias com aquela chuva que não parava e que mesmo antes de e sair, já estava caindo há muito tempo, e com todo mundo esperando que ela parasse, porque as coisas todas estavam estragando e caindo e afundando <sup>F25</sup>. E mesmas as coisas que já haviam sido consertadas, já estavam outra vez estragando, como ali em frente do DOPS, onde eu via, quando passava com o caminhão, o asfalto junto do canal já afundando <sup>F26</sup>. E era um asfalto novo que não fazia nem uma semana que os homens tinham acabado de consertar <sup>F27</sup>. Até a escada de cimento para que a água descesse por ela e não afundasse a rua, estava afundando e se estragando de novo <sup>F28</sup>. E eu passava ali com o caminhão e desviava para não passar muito perto de onde eu via que estava afundando <sup>F29</sup>. E os investigadores ficavam sentados nas cadeiras, lá na varanda, olhando para o canal e vendo o asfalto que ia cedendo e chegando cada vez mais perto do prédio <sup>F30</sup>. E eu via que o serviço ia ter que ser feito de novo, e também que com aquela chuva, não ia ser nada garantido <sup>F31</sup>.

As coisas estavam assim quando o Sr. Mário deixou o recado para mim <sup>F32</sup>.